



MARIUSA ALVES SARTIN

***VER E SER VISTO:
cenas de uma proposta de intervenção***

**GOIÂNIA
2023**

MARIUSA ALVES SARTIN

VER E SER VISTO:
cenar de uma proposta de intervenção

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Práticas escolares e aplicação do conhecimento

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Paula Salles da Silva

GOIÂNIA
2023

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

Desenvolvimento de produto Relato de experiências - Ver e Ser Visto: cenas de uma proposta de intervenção

Especificação: Relato de experiências

DIVULGAÇÃO

Impresso
 Meio digital

FINALIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

Este produto tem por finalidade planejar, executar e avaliar práticas pedagógicas voltadas para a formação humanista, visando contribuir para a vivência/convivência de diferentes sujeitos, com equidade. Com a criação de relato de experiências interdisciplinares e contextualizadas.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Professores do E. Fundamental II, E. Médio e Educação Especial, como aporte para discussões acerca da inclusão e o uso da mídia-educação como ferramenta pedagógica.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

Alto impacto – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

Ensino
 Aprendizagem

O impacto do Produto Educacional é:

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra

em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isto é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) **em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores** (inicial, continuada, cursos, etc.)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação:

O produto educacional foi vivenciado por 32 alunos e seis professores do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Est. Polivalente Professor Goiany Prates em 12 encontros e 22 alunos e onze professoras da escola de Ensino Especializado do CORAE com 8 encontros entre os dois grupos de alunos das duas escolas participantes da pesquisa com práticas pedagógicas interativas e colaborativas.

REPLICABILIDADE ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimentos e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

Sim Não

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação, etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

SARTIN, Mariusa. **A Invisibilidade dos sujeitos na Educação Básica: pressupostos para a construção de uma escola para todos.** Apresentação no XIII Seminário de Dissertações do PPGEEB, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SARTIN, Mariusa. **A Invisibilidade dos sujeitos na Educação Básica: pressupostos para a construção de uma escola para todos.** Apresentação de Pôster no XXI ENDIPE - Uberlândia 2022 - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - A didática e as práticas de ensino no contexto das contrarreformas neoliberais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

() Sim (X) Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:

Outras formas de acesso:

DEDICATÓRIA

Dedico estas produções aos alunos participantes desta pesquisa, pelos “ensinares do bem viver”.

“Celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação em prática da liberdade.”
(hoolks, 2013, p.24)

SARTIN, Mariusa Alves. “**Ver e ser visto: Cenas de uma proposta de intervenção**”. Produto Educacional. PPGEEB/UFG, 2023.

RESUMO

Este Produto Educacional, em formato de relato de experiências, que recebeu o título “**Ver e ser visto: Cenas de uma proposta de intervenção**” é derivado da dissertação intitulada “A invisibilidade dos sujeitos na educação básica: pressupostos para a construção de uma escola para todos”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal de Goiás. Este Produto Educacional trata de um relato de estratégias pedagógicas desenvolvidas durante a pesquisa de mestrado acima mencionado, que teve como objetivo geral de promover práticas pedagógicas interativas e colaborativas voltadas para a formação humanista, visando contribuir para a vivência/convivência de diferentes sujeitos, com equidade. Este produto educacional tem como finalidade partilhar as experiências realizadas na pesquisa na intenção de provocar novas experiências pedagógicas voltadas à equidade e a visibilidade na Educação Básica. Estas vivências contaram com a participação de 32 estudantes do 6º ano e 6 professores de uma escola da rede regular de ensino e 22 estudantes e 11 professores de uma escola de Ensino Especializado, ambas em Goiânia. A primeira parte dos encontros foi desenvolvida na escola regular formando os alunos do sexto ano participantes da pesquisa para uma experiência de aprendizagem em conjunto com alunos da escola de Ensino Especializado. A segunda parte aconteceu na escola de Ensino Especializado envolvendo alunos das duas escolas participantes da pesquisa. O relato de experiência é composto pelas estratégias desenvolvidas nas intervenções, por reflexões sobre as estratégias adotadas, por falas dos estudantes presentes nos questionários e por fotos produzidas pelos participantes da pesquisa e pela professora pesquisadora durante a realização das intervenções. O produto educacional está disponível nos apêndices da Dissertação acima mencionada.

Palavras-Chave: Ensino Especial. Práticas Escolares. Mídia-Educação. Escola para todos.

SARTIN, Mariusa Alves. "Seeing and being seen: Scenes from an intervention proposal". Educational Product. PPGEEB/UFG, 2023.

ABSTRACT

This Educational Product, in the form of an experience report, which received the title "Seeing and being seen: Scenes from an intervention proposal" is derived from the dissertation entitled "The invisibility of subjects in basic education: assumptions for building a school for all", defended in the Graduate Program in Teaching in Basic Education at the Federal University of Goiás. This Educational Product is an account of pedagogical strategies developed during the aforementioned master's research, which had the general objective of promoting interactive and collaborative pedagogical practices aimed at humanist training, aiming to contribute to the experience/coexistence of different subjects, with equity. This educational product aims to share the experiences carried out in the research with the intention of provoking new pedagogical experiences aimed at equity and visibility in Basic Education. These experiences had the participation of 32 students from the 6th year and 6 teachers from a regular school and 22 students and 11 teachers from a school of Specialized Education, both in Goiânia. The first part of the meetings was held in the regular school, training the sixth year students participating in the research for a learning experience together with students from the Specialized Teaching school. The second part took place at the Specialized Teaching school involving students from the two schools participating in the research. The experience report is composed by the strategies developed in the interventions, by reflections on the adopted strategies, by the speeches of the students present in the questionnaires and by photos produced by the research participants and by the research professor during the interventions. The educational product is available in the above mentioned Dissertation appendices.

Keywords: Special Education. School Practices. Media-Education. School for everyone.

INTRODUÇÃO

O presente Produto Educacional intitulado VER E SER VISTO: cenas de uma proposta de intervenção constitui um relato de experiências desenvolvidas a partir de estratégias pedagógicas elaboradas durante a pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE-UFG, intitulada “A invisibilidade dos sujeitos na educação básica: pressupostos para a construção de uma escola para todos”. Esta produção foi alicerçada nas práticas pedagógicas como discente do Programa acima mencionado e como docente proponente de práticas escolares interativas e colaborativas entre alunos de duas escolas, uma de ensino regular e outra, de ensino especializado.

Este relato de experiências surgiu com o planejamento, execução e avaliação de práticas pedagógicas voltadas para a formação de sujeitos mais críticos, mais humanizados, e ao observar se estas práticas podem contribuir para a vivência/convivência de diferentes sujeitos, com equidade. Foram estruturadas coletivamente atividades a partir de propostas pedagógicas a serem desenvolvidas com trinta e dois alunos de uma escola regular selecionados por convite aceito, seis professores desta turma e a professora pesquisadora para serem desenvolvidas em conjunto com os vinte e dois alunos e onze professores de uma escola de ensino especializado. Todas as etapas de construção das vivências interativas e colaborativas foram arquitetadas coletivamente pelos alunos do 6º ano da escola regular, em conjunto com a professora pesquisadora.

A primeira parte das ações formativas foram desenvolvidas na escola regular com o intuito de preparar os alunos do 6º ano integrantes da pesquisa para participarem de uma experiência de aprendizagem em conjunto com alunos de uma escola de E.E. e também para produzirem um vídeo com caráter de documentário, com o título: ESCOLA PARA TODOS. Esta produção midiática está registrada na Plataforma EduCAPES com acesso disponível no link: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/721999> e no canal do YouTube https://youtu.be/Cb6_Px-nuzU

A segunda parte foi desenvolvida na escola de E.E. com a participação dos alunos das duas escolas envolvidas na pesquisa.

A seguir, a apresentação do quadro com as temáticas desenvolvidas em cada atividade. Este quadro tem o objetivo de auxiliar o leitor a compreender a dinâmica desenvolvida no campo de pesquisa.

Temáticas desenvolvidas nas atividades	
Tomada	Título
Proposta de Intervenção Realizada na escola regular	
Tomada I	Apresentação do projeto aos docentes.
Tomada II	Encontro com os alunos do 6º ano, turmas A e B da escola regular.
Tomada III	Primeiro encontro com os alunos da escola regular participantes da pesquisa.
Tomada IV	Reunião virtual com pais/responsáveis.
Tomada V	Curta-metragem IAN.
Tomada VI	Curta-metragem como objeto de estudo.
Tomada VII	Processo de criação de vídeos.
Tomada VIII	Foco na Fake News.
Tomada IX	Apresentação da escola de ensino especializado.
Tomada X	Apreciação do vídeo de apresentação da escola regular.
Tomada XI	Planejamento de práticas interativas e colaborativas.
Proposta de Intervenção Realizada na Escola de E.E.	
Tomada XII	Primeira visita à escola de ensino especializado.
Tomada XIII	Compostagem.
Tomada XIV	Plantio das cores da vida.
Tomada XV	Desenho ampliado da foto - Cores da Vida.
Tomada XVI	Pintura do desenho ampliado.

Tomada XVII	Diversidade cultural.
Tomada XVIII	Diferentes etnias.
Tomada XIX	Escola de valores.
Tomada XX	Exibição de fotos e vídeos produzidos durante as vivências interativas e colaborativas.
Tomada XXI	Considerações finais.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO REALIZADA NA ESCOLA REGULAR

LUZ, CÂMERA, AÇÃO - Atividades desenvolvidas na escola regular.

“Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes.” (FREIRE, 1987, p. 47).

Tomada I - Apresentação do projeto aos docentes

Duração: 30 min

Inicialmente, em reunião de “Trabalho Coletivo” com todo o corpo docente da escola de ensino regular, foi apresentado o projeto de pesquisa com a finalidade de, a partir do conhecimento do objetivo geral, específico e as estratégias metodológicas, os professores se apropriassem do processo de desenvolvimento do projeto de pesquisa, e assim, munidos de mais informações, estariam seguros para decidir sobre sua participação na pesquisa. Informei aos educadores que haveria a participação de duas escolas no desenvolvimento do projeto. Uma regular, no caso, a escola em que eles trabalhavam e a outra, uma escola de E.E. e ocorreria um movimento dos alunos da escola regular em direção aos alunos da escola de E.E. A apresentação do projeto de pesquisa a respeito da inclusão escolar de estudantes PCD no momento do trabalho coletivo foi bastante oportuna, pois se tratava de um momento específico para rodas de conversas e trocas de experiências, compartilhar desafios vividos e buscar junto ao coletivo de professores, possíveis soluções para dificuldades encontradas no cotidiano escolar. A inclusão escolar foi uma temática que promoveu ricas conversas entre os professores naquele momento de trabalho coletivo. Alguns relataram suas dificuldades, outros se posicionaram afeitos às práticas inclusivas, enquanto que outros se posicionaram alheios ao debate. Também informei que os alunos do 6º ano participantes da pesquisa em conjunto com a professora pesquisadora iriam construir um vídeo estudantil em caráter de documentário relatando todo o processo de práticas pedagógicas interativas e colaborativas compartilhadas entre os dois grupos de estudantes. Este vídeo seria apresentado como Produto Educacional da presente pesquisa.

Neste momento, os presentes foram motivados a responderem o questionário semiaberto inicial da pesquisa, convidados a participar de todas as etapas de desenvolvimento do projeto, sobretudo os professores que trabalhavam diretamente com as turmas de 6º ano. A apresentação

do projeto de pesquisa e adesão dos professores constituiu-se em um importante momento para o desenvolvimento do trabalho, visto que a inclusão escolar de PCD é tarefa para ser realizada pelo coletivo de atores envolvidos no processo, não tão somente pela pesquisadora. Neste momento, mencionamos a importância da participação deles no desenvolvimento da pesquisa. Cada professor, dentro da sua disciplina, poderia desenvolver atividades voltadas para a inclusão, relacionando esta temática aos conteúdos da sua disciplina. Por exemplo, na disciplina de Geografia, poderiam ser desenvolvidas pesquisas sobre espaços públicos acessíveis, na disciplina de História, uma pesquisa sobre as principais conquistas das PCDs nos últimos 10 anos, na disciplina de Ciências, o professor poderia promover um estudo sobre algumas síndromes. Acrescentei que caso a professora pesquisadora pudesse contar com a participação efetiva do grupo de professores no desenvolvimento do trabalho, todos seriam beneficiados. Pois estaríamos desenvolvendo ações importantes voltadas para a formação humanista dos alunos e que ao final da pesquisa poderíamos analisar o impacto que estas práticas proporcionaram na vida dos estudantes participantes da pesquisa.

O dia e horário para o próximo encontro entre docentes parceiros foi sugerido nesta reunião. Porém, esses encontros entre a professora pesquisadora e os professores da escola regular participantes da pesquisa para a estruturação da proposta de intervenção ocorreram individualmente conforme a disponibilidade de cada professor. Nem sempre o grupo de professores que se declaram adeptos a participar da pesquisa demonstraram disposição para conversarem sobre a estruturação das ações a serem desenvolvidas com o grupo de alunos do 6º ano participantes do trabalho. Foi necessária uma conversa motivacional por parte da professora pesquisadora sobre a riqueza e importância da participação deles no desenvolvimento da pesquisa. Foi sugerida a seguinte organização com os alunos: apresentação do projeto, responder o primeiro questionário a eles direcionado e seleção de alunos interessados em participar da pesquisa. E assim foi feito.

Imagem 1 – Reunião individual com professores



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada II - Encontro com os alunos do 6º ano, turmas A e B da escola regular
Duração: 1h40min

“Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”. (FREIRE, 2019, P. 36)

A professora pesquisadora se apresentou como professora do colégio há vinte e três anos, apesar de não ser professora deles e não nos conhecermos até então. Esta apresentação teve a finalidade de estreitar os laços entre esse grupo de estudantes e a professora pesquisadora. Também foi apresentado de forma simples e objetiva o projeto de pesquisa de mestrado vinculado ao CEPAE-UFG. Este encontro ocorreu na sala de aula de cada turma separadamente. Foi informado aos estudantes que seriam desenvolvidos encontros entre eles e a professora pesquisadora na própria escola para prepará-los e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas em conjunto com alunos de uma escola de E.E., também esclarecemos que esses encontros seriam registrados através de fotos e vídeos para compor um acervo a ser utilizado no desenvolvimento de um documentário com caráter estudantil. Planejado, elaborado, avaliado e apresentado por eles aos alunos das duas escolas envolvidas na pesquisa. Neste momento, também esclarecemos sobre a importância da participação deles na pesquisa, assim como foi dito aos professores. Os alunos se constituem em uma parte importante do processo de construção de uma escola inclusiva. Não basta que haja ações bem estruturadas pelo coletivo de profissionais da escola, é necessário que haja engajamento também pelos discentes. Os estudantes se tornam protagonistas de uma escola inclusiva ao se relacionarem com seus pares a partir da aceitação e respeito às condições do outro, independente de sua condição física ou psicológica. Para que as escolas se tornem de fato inclusivas é necessário um esforço coletivo para promoção de estratégias atitudinais e pedagógicas voltadas ao convívio ético e respeitoso para com toda a comunidade escolar.

Depois do detalhamento do projeto para cada turma e preenchimento do questionário semiaberto inicial a eles destinado, vários alunos se posicionaram interessados em participar da pesquisa. Eles foram orientados sobre o outro critério decisivo para participar do estudo, além do interesse próprio, seria o consentimento de seus pais/responsáveis por escrito através do TCLE. Também foram informados que seus pais/responsáveis iriam participar de uma reunião virtual para apresentação do projeto, esclarecimento de possíveis dúvidas, oportunizar aos seus pais/responsáveis conhecerem a professora pesquisadora e tomarem ciência da necessidade da assinatura deles no termo de consentimento da participação dos alunos na pesquisa. Os pais/responsáveis que não puderam participar deste momento, receberam ligações telefônicas

individuais com os mesmos objetivos da reunião virtual. Ainda neste encontro, os alunos foram informados que não iriam receber nenhum valor monetário por esta participação, assim como não teriam de arcar com nenhuma despesa. Seriam livres para abandonar o grupo de pesquisa a qualquer tempo, conforme vontade pessoal.

A versão inicial do projeto previa a criação de um grupo de *WhatsApp* entre os alunos selecionados e os professores. Porém o grupo decidiu por não se comunicar através dessa ferramenta. Esta decisão foi justificada por já participarem de muitos grupos de *WhatsApp*, além do fato de estarem em contato diário no ambiente escolar, o que possibilitaria as interações que se fizessem necessárias.

Na proposta inicial do projeto de pesquisa, a professora pesquisadora teria quatro encontros com os alunos da escola regular antes do desenvolvimento das atividades colaborativas e interativas entre os alunos das duas escolas. Contudo, sentiu-se a necessidade de reunir-se mais vezes a fim de melhor estruturar as ações a serem desenvolvidas, passando para dez encontros com o grupo de alunos do 6º ano previamente selecionados por convite aceito e permissão por escrito de seus pais/responsáveis, eles foram destinados a:

Tomada III - Primeiro encontro com os alunos da escola regular participantes da pesquisa

Duração: 1h40min

*(...) aprender deve ser empolgante, às vezes até 'divertido'.
(hooks, 2017. p. 17)*

A empolgação tomava conta da pesquisadora e dos alunos envolvidos na pesquisa. Às vezes foi difícil acalmar os ânimos dos estudantes para que a professora pesquisadora desse sequência ao objetivo do encontro. Este primeiro encontro com esse grupo de alunos contou com a participação da professora de Língua Portuguesa, que muito contribuiu com a promoção de um ambiente favorável à importante roda de conversa planejada para o momento. A euforia foi motivada pela participação desse grupo de estudantes em estratégias metodológicas diferenciadas e atrativas. Participar do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado que

propõe práticas metodológicas interativas e colaborativas não é recorrente no cotidiano escolar desse grupo de estudantes.

Escrevi no quadro uma citação de hooks (2017). Apresentei a autora e suas bandeiras de luta aos alunos. Durante a roda de conversa promovida, eles se posicionaram afeitos e admirados com as ideias da autora. Demonstraram que concordavam com a ideia da autora sobre a necessidade de haver empolgação na vida estudantil e acrescentaram que estudar conteúdos escolares é tarefa difícil. Assim diz hooks (2017): (...) aprender deve ser empolgante, às vezes até ‘divertido’. (hooks, 2017. p. 17).

Este encontro teve a finalidade de esclarecer detalhadamente o que iríamos fazer ao longo da pesquisa e porque faríamos. Esclareci que além da reunião virtual entre os pais/responsáveis e a professora pesquisadora que já havia sido mencionada no encontro anterior, iríamos assistir e comentar um filme sobre a inclusão escolar de PCD. Que no próximo encontro iríamos novamente assistir outros curtas, porém, nesta segunda rodada seriam curtas sugeridos por eles, com a mesma temática que estávamos discutindo no curta anterior. Logo após, estudaremos os processos de criação de um curta metragem e sobre Fake News. Estes estudos relativos às mídias como uma estratégia metodológica seriam justificados por prepará-los para criação do documentário ao final da pesquisa. Também iríamos assistir a um vídeo de apresentação da escola de E.E. construído pela professora pesquisadora para que pudessem conhecer um pouquinho da escola de E.E. mesmo antes das visitas. Expliquei que os alunos seriam divididos em quatro grupos com oito participantes. Cada grupo iria duas vezes à escola de E.E. de forma alternada. Eles foram orientados a produzir fotos do rosto e imagens móveis e estáticas do colégio para construção de vídeos de apresentação deles e da escola para os alunos da escola de E.E. Expliquei também que a construção desse vídeo de apresentação seria tarefa desenvolvida por eles em todas as fases: roteiro, narração, seleção de imagens e edição, com a curadoria da professora pesquisadora. Expliquei ainda que eles deveriam encaminhar os materiais produzidos para a pesquisadora via WhatsApp, assim como as imagens por eles capturadas para serem organizados em um arquivo no Google Drive e compartilhado com todos os participantes.

Orientei-os que antes de passar o vídeo para os alunos da escola de E.E. eles teriam a oportunidade de apreciarem. A fim de fazer alguns possíveis ajustes. Outra importante tarefa a eles designada seria a seleção junto aos professores de cada disciplina envolvidos na pesquisa, as opções de conteúdos a serem apresentados aos alunos da escola de E.E. para que eles escolhessem o que gostariam de estudar com os alunos da escola regular. Também disse que nesse momento eles estavam recebendo muitas informações, porém, elas seriam explicadas novamente a cada encontro. Com a intenção de tranquilizá-los sobre as práticas que seriam desenvolvidas por eles junto aos alunos da escola de E.E., reforcei a informação de que antes

de irem à escola de E.E., cada grupo se encontraria duas vezes com a professora pesquisadora para a preparação da atividade a ser desenvolvida na escola de E.E, para que as ações fossem bem estruturadas e os alunos da escola regular pudessem se sentir seguros durante o desenvolvimento das práticas propostas para cada grupo ao ir à escola de E.E.

Falei sobre a captação de imagens móveis e em movimento para formarmos um banco de imagens com a colaboração de todos. E o “Grand final” seria a criação de um curta metragem em formato de documentário. Foi grande a empolgação de alguns alunos quando falei da criação do vídeo. Outros nem tanto, por meio de diálogos informais, alguns alunos externaram seus temores em conseguir construir um curta metragem. Outro estudante disse: (A1)⁷ "Eu sei fazer vídeos”.

Mencionei que nossos desafios com o desenvolvimento desta pesquisa seria de estudar conteúdos escolares em conjunto com estudantes de uma escola de E.E. associando uma experiência didática com uma produção audiovisual. Que seria um curta metragem com caráter de documentário. Orientei-os que todas as informações acima citadas seriam detalhadas a cada encontro novamente.

Nesta empolgação entre professora pesquisadora e alunos participantes da pesquisa, mergulhamos no campo de pesquisa na certeza de que as atividades ali planejadas e desenvolvidas seriam uma fonte de preciosas informações. O detalhamento das atividades a serem desenvolvidas e suas finalidades, teve o objetivo de que os estudantes participantes da pesquisa compreendessem a totalidade do processo de intervenção pedagógica, sem perder de vista a possibilidade de encontrar respostas para a pergunta que deu origem à presente pesquisa e melhor se preparar para criação de uma mídia educação.

Ciente da importância de profundas conversas com os fatos e com quem os promove, neste primeiro encontro, preparamos um chocolate e um cartão de agradecimento pela aceitação e empolgação em participar da pesquisa (Apêndice 12). Que foi oferecido aos alunos participantes dos estudos, professores da escola e coordenação. Ao iniciar a pesquisa e consequentemente também dar início à produção do documentário, já que estão imbricados um no outro, procurei não me desvencilhar do caminho a ser percorrido, tendo como norte o respeito às diferenças de cada sujeito humano. Entendemos a importância das relações estabelecidas com os atores no campo como um ato de cultivarmos um envolvimento

⁷ (A1) é o pseudônimo escolhido para identificar o estudante participante da pesquisa.

compreensivo com seus dramas diários. Alguns alunos interessados em participar da pesquisa, já no primeiro encontro se manifestaram como vítimas de preconceitos e discriminações dentro e fora do ambiente escolar.

Ainda neste encontro, foi organizada uma lista contendo os nomes dos alunos, de seus pais/responsáveis e número de telefone para contato. Foi solicitado aos alunos que informassem aos seus pais/responsáveis que a professora pesquisadora iria agendar duas reuniões virtuais em dias e horários diferentes para que eles escolhessem uma opção de dia e horário que melhor se adequasse à rotina de cada família, no intuito de possibilitar a participação do maior número de pais/responsáveis na reunião. Caso ainda assim não fosse possível, eles receberiam uma ligação em horário e dia definido previamente via mensagens de WhatsApp. Com essas reuniões/ligações tivemos o objetivo de nos apresentarmos aos pais/responsáveis e apresentar a problemática central da pesquisa: Como é que a escola pode potencializar a formação de sujeitos críticos, mais humanos, com atitudes voltadas para mudanças nas formas de viver e conviver? e responder quaisquer dúvidas que pudessem ter surgido com a leitura dos questionários e dos Termos de Livre Assentimento e Esclarecimento - TCLE específico para eles como pais/responsáveis/ participantes, que receberam pelas mãos dos alunos, assim como também receberam duas vias de igual teor de dois questionários que deveriam ser respondidos e devolver uma via para a professora pesquisadora. Um questionário foi destinado aos pais/responsáveis como responsáveis pelos alunos e outro de igual teor destinado a eles enquanto participantes da pesquisa. Ao responderem o primeiro questionário de autorização da participação dos alunos, eles também se tornaram participantes da mesma. Os alunos da escola regular também assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecimento (TALE), destinados a eles. O TALE dos alunos da escola de E.E. foi assinado pelos seus pais/responsáveis. Todos os professores participantes do estudo também assinaram o TCLE específico para este grupo. Todos que assinaram o TCLE, assentiram o uso de sua imagem, voz e opinião neste documentário.

Este primeiro encontro entre a professora pesquisadora e alunos do 6º ano participantes na pesquisa foi de suma importância. Saber detalhadamente sobre o desenvolvimento da pesquisa, certamente contribuiu para decisão deles em continuar participando da pesquisa, já que foi esclarecido a eles também que poderiam abandonar a pesquisa a qualquer tempo. Após

este primeiro encontro a chance de desistirem de sua participação seria menor. Pois possivelmente iriam se envolver com as atividades.

Imagem 2 – Primeiro encontro com os alunos interessados em participar da pesquisa



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada IV - Reunião virtual com pais/responsáveis

Duração: 1 hora.

Esta investigação implica, necessariamente, numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. (FREIRE, 1987, P. 50).

De posse de todos os contatos dos pais/responsáveis, encaminhamos o link de duas possibilidades de dia e horário para uma reunião virtual entre eles e a professora pesquisadora. dia 11/03/22 às 16 horas e dia 12/03/22 às 14 horas. Gravamos e encaminhamos um áudio sobre do que se tratava a reunião, reforçando o que supostamente já teria sido informado pelos alunos aos seus pais/responsáveis. Também comentamos que a reunião teria a duração aproximada de 40 a 60 minutos. Esta reunião virtual teve o objetivo de apresentar a professora pesquisadora aos pais/responsáveis como professora da escola onde suas crianças/jovens estudam, porém não era professora nas turmas em que eles estudavam e que neste momento estava desenvolvendo uma pesquisa de mestrado em educação vinculado ao CEPAE-UFG, sobre a inclusão de estudantes com deficiências na escola, assim como explicar de forma simples e objetiva como seria o desenvolvimento da pesquisa, seus objetivos e estratégias metodológicas propostas. Inclusive sobre a saída dos alunos da escola regular para irem à escola de E.E. Também foram informados de que as despesas com transporte e alimentação dos alunos seriam custeadas pela professora pesquisadora e que o colégio deles seria o local de partida e chegada, obedecendo o horário normal de aulas. As dúvidas foram surgindo e sendo esclarecidas em um clima de confiança mútua e compromisso comum com nosso bem maior. O aluno.

Foi apresentado o documento TCLE que já se encontrava com os pais/responsáveis que

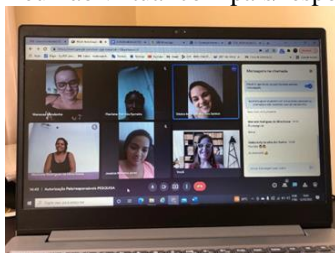
foi entregue pelos estudantes a eles. Explicamos que a pesquisa trabalharia com questionários, entrevistas, fotos e vídeos, e que era fundamental esclarecê-los sobre a necessidade da concessão por parte deles do uso da opinião, voz e imagem do menor sob sua responsabilidade por meio de sua assinatura neste documento, informamos ainda que este documento é uma exigência do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG) e que esse documento se constitui em segurança e transparência nas ações desenvolvidas pela professora pesquisadora e para escola onde foi desenvolvida a pesquisa de que todo processo de participação dos estudantes na pesquisa contaram com o consentimento de seus pais/responsáveis.

Esclarecemos que a autorização deles na participação de sua criança/jovem na pesquisa era fator preponderante, assim como o interesse dos estudantes em participar como voluntários no desenvolvimento da pesquisa. Esclarecemos que os estudantes foram informados, assim como eles nesse momento, de que não iriam receber nenhum valor monetário por esta participação, assim como não teriam de arcar com nenhuma despesa. Seriam livres para deixar o grupo de pesquisa a qualquer tempo, conforme vontade pessoal. Os pais/responsáveis foram informados sobre a relevância do apoio das famílias/responsáveis na participação dos estudantes na pesquisa pelo fato de que os mesmos recebem influência direta dos valores humanistas que são compartilhados pelas famílias/responsáveis e que a formação humanista dos estudantes está diretamente relacionada ao tema da pesquisa.

As famílias/responsáveis que não puderam participar das reuniões virtuais, receberam mensagens de WhatsApp solicitando indicação de melhor dia e horário para receberem ligação da professora pesquisadora. Oito mães participaram da reunião virtual no dia 11/03/22 às 16h, cinco mães participaram da reunião virtual no dia 12/03/22 às 14h, nove pais/responsáveis agendaram a melhor opção de dia e horário para receberem ligação da professora pesquisadora e dez pais/responsáveis autorizaram a participação dos alunos mesmo sem participar da reunião ou conversar com a professora pesquisadora por ligação telefônica. Eles encaminharam mensagem de texto ou áudio via WhatsApp informando que já haviam lido, respondido o questionário e lido e também assinado o TCE consentindo a participação do aluno na pesquisa, e que na primeira oportunidade o aluno iria devolver a via da professora pesquisadora.

A propósito, encontramos dificuldade em receber as vias dos documentos que deveriam ser devolvidos à professora pesquisadora. Com justificativas de que os pais/responsáveis ainda não tinham lido, respondido e assinado, que esqueceu em casa, molhou com água da chuva na volta para casa. Entreguei outro bloco de documentos aos que precisavam.

Imagem 3 - Reunião virtual com pais/responsáveis



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada V - Curta-metragem IAN

Duração: 50 min.

“O diálogo começa na busca do conteúdo programático.” (FREIRE, 1987, p. 47).

Este encontro teve o objetivo de suscitar as percepções dos alunos do 6º ano participantes da pesquisa, relativas às potencialidades e dificuldades das PCDs na sociedade em geral e no ambiente escolar.

Estava prevista uma leitura compartilhada e reflexiva de textos preparados pelos professores com o tema estudado, mas este texto foi excluído do planejamento. A partir de conversas com os professores da escola regular, que sugeriram contemplar a apreciação de vídeos seguidos de rodas de conversas, justificaram que esta estratégia metodológica seria mais atrativa para os estudantes. Acrescentamos às argumentações dos professores da escola regular que esta também seria uma oportunidade de orientá-los a observar os detalhes que compõem a produção de um curta metragem. Lembrando que ao final das vivências também iríamos nos tornar produtores de um curta metragem.

Assistimos e comentamos o filme IAN. Coletivamente, buscamos compreender a mensagem central do curta desenvolvido com base em história real tendo como problemática a inclusão social de uma criança com deficiência, analisamos cada detalhe das imagens. O curta foi construído sem falas, as imagens em movimento se encarregaram de narrar a história no silêncio das emoções vividas pelos seus atores. O objetivo de apresentar o curta IAN para esse grupo de alunos foi a de suscitar o debate acerca da inclusão de PCD e planejarmos práticas

pedagógicas voltadas para a empatia e a inclusão de grupos minoritários, visando contribuir para a vivência e a convivência de diferentes sujeitos com equidade. Valendo-se do curta como um potente recurso didático para despertar no grupo a importância da empatia, da inclusão e a possibilidade da produção de mídias como ferramenta de construções e manifestações de saberes, de arte, cultura e ciência. O planejamento desta atividade, também foi motivado pelo pensamento freireano ao falar sobre a importância do processo de seleção dos conteúdos a serem trabalhados no ambiente escolar. “O diálogo começa na busca do conteúdo programático.” (FREIRE, 1987, p. 47). O conteúdo desenvolvido no ambiente escolar, está intimamente relacionado ao caráter ideológico do trabalho do professor. A seleção dos conteúdos a serem estudados precisa estar intimamente relacionada aos interesses e necessidades dos alunos e da comunidade em que a escola se encontra inserida.

Foi solicitado aos alunos que fizessem pesquisas a fim de sugerirem outros curtas com a mesma temática, que encaminhassem o link de acesso à professora pesquisadora para serem compartilhados com os colegas em nosso próximo encontro.

Após a roda de conversa sobre a mídia apresentada, eles foram orientados que os professores de diferentes disciplinas iriam desenvolver estudos sobre inclusão de PCDs relacionando esta temática às disciplinas de cada professor.

A partir deste encontro e de diálogos com os professores, surgiram algumas propostas para serem realizadas com os alunos durante as disciplinas de Geografia, História, Língua Portuguesa e Ciências.

Em diálogos individuais com os professores(as) de diferentes disciplinas, estruturamos algumas sugestões de pesquisa a serem propostas aos alunos(as). Após o encontro dos professores(as) com as turmas dos sextos anos para discussão e organização dos estudos ficou estruturada da seguinte forma: Na disciplina de Geografia, eles pesquisariam exemplos de parques, praças, calçadas, estádios e escolas que oferecem estrutura arquitetônica à população com deficiência. Após esta fase, alguns alunos(as) desenvolveram a pesquisa e apresentaram aos colegas em sala de aula. Com o professor de História, tiveram uma aula expositiva para a compreensão de algumas leis que subsidiam a educação de PCD no Brasil e no exterior no período compreendido entre 1948 e 2015. Em Língua Portuguesa, a professora desenvolveu oficinas de criação de roteiros cinematográficos. Cada aluno produziu um roteiro com temática livre, os que se sentiram à vontade, apresentaram suas narrativas para toda a turma durante a aula da professora. Na disciplina de ciências, o professor se mostrou interessado em compreender e estudar com a turma, as deficiências mais recorrentes na atualidade e possíveis causas. Por

motivos particulares ao professor, estas ações não foram desenvolvidas, mas seriam importantes para a compreensão das deficiências por parte dos alunos.

Este encontro entre a professora pesquisadora e os alunos do 6º ano participantes da pesquisa oportunizou a partir do filme IAN, compreendermos a necessidade da escola e da sociedade em geral de se prepararem para receber as PCDs e não o contrário. Visto que a deficiência pode dificultar a participação das PCDs a depender da atividade a ser desenvolvida e suas potencialidades/limitações. Porém, condições físicas/cognitivas não devem ser impeditivas para integração/participação das PCDs. E é aí que está nosso desafio. Encontrarmos meios para promover a participação de todos os estudantes, quer seja em atividades pedagógicas e/ou sociais de forma geral.

Estas percepções foram construídas pelo coletivo de participantes em roda de conversa.

Imagem 4 - Curta-metragem IAN



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada VI - Curta-metragem como objeto de estudo **Duração: 1h40min.**

*“Para que os oprimidos se unam entre si,
é preciso que cortem o cordão umbilical, de caráter mágico e mítico,
através do qual se encontram ligados ao mundo da opressão.”
(FREIRE, 1987, p. 101).*

Assistimos os curtas pesquisados e sugeridos pelos alunos a respeito de inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar e na sociedade em geral, seguido de roda de conversa. Esta estratégia metodológica teve o objetivo de envolver os estudantes em pesquisas acerca do tema que estava sendo discutido, bem como valorizar suas sugestões de vídeos trazidos por eles como objeto de estudo. E assim, possivelmente contribuir para a autoestima e protagonismo dos estudantes participantes da pesquisa.

Assistimos dois curtas pesquisados e sugeridos pelos alunos, a respeito de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade em geral e no ambiente escolar seguido de roda de conversa. Três alunos sugeriram o mesmo curta, que foi “Cuerdas”, também foi sugerido, assistido e comentado o curta “Somos Todos Iguais - Inclusão Social”.

Aqui, relembremos Freire quando diz que “A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” **para** “B” ou de “A” **sobre** “B”, mas de “A” **com** “B”. (FREIRE, 1987, p. 48). Ao pesquisarem e sugerirem outros curtas com a mesma temática, percebemos a prática da “educação autêntica” mencionada por Freire (1987), nesta ação, os educandos demonstraram compreender que estávamos nos propondo a dialogar sobre o respeito às diferenças com debates promovidos a partir de suas sugestões de curtas a serem apreciados.

Antes de iniciar a apreciação dos curtas, os alunos foram instruídos a observar detalhes importantes na construção de um vídeo, por exemplo, as imagens selecionadas, seus ângulos, trilha sonora incluindo ruídos e sons do cotidiano, transição de imagens e quando houver narração, a entonação de voz usada pelo narrador, iluminação e sombra. Os estudantes foram orientados de que posteriormente iríamos estudar sobre esses assuntos para prepará-los para construção do documentário proposto para o final da pesquisa.

Após a exibição de cada curta, fizemos uma calorosa roda de conversa, os alunos já se sentiam mais familiarizados com a professora, assim como a temática dos curtas e os conhecimentos técnicos utilizados na construção da mídia-educação, que começaram a ser despertados desde o nosso primeiro contato.

Ao pesquisar, sugerir, assistir e comentar com criticidade esses curtas, os estudantes participantes da pesquisa demonstraram interesse pelo estudo, compreensão do tema que estava sendo discutido e sua relevância. Proporcionou também uma aparente satisfação pela autonomia em direcionar o trabalho desenvolvido naquela tarde. Alunos que não pesquisaram curtas a serem apreciados, relataram que gostariam de ter sugerido um curta e que o colega foi muito feliz na escolha feita. Perguntaram se teriam outra oportunidade de escolher o que seria discutido entre os colegas. Que também gostariam de falar o que iriam fazer nas tardes em conjunto. Com a reação dos alunos recordamos os acertos freireanos quando aborda a possibilidade de os homens conversarem sobre a opressão da qual estão submetidos e podem ser libertos. “Para que os oprimidos se unam entre si, é preciso que cortem o cordão umbilical, de caráter mágico e mítico, através do qual se encontram ligados ao mundo da opressão.” (FREIRE, 1987, p. 101). Ao sugerir o vídeo a ser assistido e discutido por todos, os alunos compreenderam que eles podem e devem participar ativamente do processo de ensino/aprendizagem do qual eles fazem parte.

Imagem 5 - Curta-metragem como objeto de estudo.



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada VII - Processo de criação de vídeos Duração: 1h40min.

Temos, então, de reconhecer as diferentes culturas, a pluralidade das manifestações intelectuais, sociais e afetivas: enfim, precisamos construir uma nova ética escolar, que advém de uma consciência ao mesmo tempo individual, social.”
(MANTOAN, 2015, p. 36)

No início do encontro, escrevemos a citação de Mantoan mencionada nas linhas abaixo, falei quem é a autora e suas ideias. Discutimos sobre a mensagem da autora e como ela se relacionava com o estudo que estávamos desenvolvendo. Conversamos sobre a necessidade de se reconhecer e valorizar as diferenças, seja ela qual for, intelectual, cultural, entre outras. Assim como diz Mantoan. “Temos, então, de reconhecer as diferentes culturas, a pluralidade das manifestações intelectuais, sociais e afetivas: enfim, precisamos construir uma nova ética escolar, que advém de uma consciência ao mesmo tempo individual, social.” (MANTOAN, 2015, p. 36). É na busca dessa nova ética escolar que aqui estamos, o desenvolvimento desta pesquisa, com a participação efetiva dos protagonistas do ensinar-aprender-ensinar, há de nos mostrar um caminho mais seguro a percorrer.

Este encontro teve o objetivo de estudarmos o que era necessário para a criação de um vídeo, a fim de prepará-los para a produção do documentário ao final da pesquisa. Disponibilizei o arquivo “Oficina Tv Escola de Produção de Vídeos” para que quando pudessem, se apropriarem melhor dos conteúdos relativos à produção de vídeos. Tomando esse material como referência, estruturamos a síntese apresentada a eles.

Como a turma já dominava conhecimentos prévios, usamos a estratégia metodológica de fazer perguntas sobre o conteúdo e acrescentar informações que eles demonstraram ainda não dominar. Por exemplo: qual é o primeiro passo para criação do nosso documentário? responderam que seriam as imagens e a história. Ótimo! Dissemos que o tema a ser apresentado viria em primeiro lugar e que no nosso caso, a ideia central já estava definida: Inclusão escolar de pessoas com deficiência. Em seguida perguntamos qual seria o próximo passo? Responderam prontamente que seria fazer as gravações. Então os orientamos que precisávamos pesquisar sobre o assunto, compreender o máximo possível do conteúdo sobre o qual falaremos. Daí a justificativa de estudarem em conjunto com os(as) professores(as) de várias disciplinas sobre inclusão escolar de pessoas com deficiência. Para só então nos aventurarmos aos próximos passos para criação de um vídeo.

Com exibição de slides, fomos conversando sobre formatos e linguagens. Alguns exemplos podem ser ficção, documentário ou animação, que no nosso caso a escolha por um documentário se justifica por ter sido definido durante o processo de elaboração da pesquisa de mestrado a qual eles estavam participando. Sem nos esquecer das autorizações do uso de imagem, voz e opinião dos atores da mídia. Falamos sobre sua importância e consequências positivas e negativas. Detalhes importantes como agendamento de datas e autorizações dos responsáveis para uso de espaços, materiais e profissionais envolvidos precisam ser cuidadosamente preparados para viabilizar o que foi planejado. Bons exemplos são roupas, maquiagem, acessórios, organização do espaço, sons que auxiliam a compor a mensagem que se quer transmitir, personagens que irão participar das cenas, objetos que remetem ao tema em questão, entre outros. Porém, lembramos que, como nossa criação será um documentário, não precisamos nos preocupar com esta organização. No nosso caso, as imagens serão produzidas durante o processo de atividades interativas e colaborativas. Explicamos que, quando um documentário é produzido a partir de reconstituição dos fatos, aí sim, é necessário se preocupar com os detalhes acima citados para que a mensagem seja o mais fiel possível da que está sendo retratada.

Conversamos sobre a importância de se definir a equipe de gravação para a produção cinematográfica. Esta equipe deverá dominar conceitos sobre captação de som e imagens em suas variações, como: plano geral, plano conjunto, médio, primeiro plano, detalhado e a regra dos três. Enquanto conversávamos sobre cada um deles, foram sendo apresentados slides com exemplos dos planos mencionados para melhor compreensão por parte dos estudantes. Sobre a captação de imagens apresentamos a frase: “Ela não registra a realidade e sim fragmentos do que vê, um recorte do mundo.” (TV Escola). A partir desta afirmativa, discutimos calorosamente o que seria esse recorte do mundo.

Alguns alunos se adiantaram e comentaram sobre os tipos de equipamentos que

poderiam ser usados para captação de som e imagem e que os celulares mais modernos são excelentes para esse fim. Para contribuir com a menção feita por eles, mencionamos a importância de observar se os equipamentos estão devidamente carregados, funcionando e estar de posse de carregadores para caso necessite. Alguns alunos mencionaram que a câmera de seu celular não funcionava, que ele não poderia colaborar com a captação das imagens.

Também falamos sobre outro fator a ser preparado com rigor: o deslocamento de toda a equipe envolvida na produção do vídeo até o local de gravação devidamente agendado, quando for o caso. Aqui, relembramos que nossas idas à escola de E.E., teriam como ponto de partida e chegada a escola regular, e que eles não teriam que arcar com custos para esse deslocamento. Sobre a captação de som, orientamos que esta ação é complexa. Os ruídos indesejados do ambiente dificultam a clareza dos sons desejados na construção do audiovisual. Eles mencionaram sobre a existência de recursos tecnológicos que eliminam ruídos indesejados das gravações de áudios, que são utilizados pelos profissionais do meio cinematográfico.

Um outro aspecto destacado foi a edição e montagem do vídeo. Esta experiência demonstrou a disparidade de formação para o uso das mídias entre os alunos, já que haviam os que já conheciam alguns aplicativos de edição e outros ainda não. Para a corporificação da ideia, roteiro, imagens e sons, é preciso desapegar de alguns materiais e fazer o famoso e doloroso “corte” e selecionar o que melhor expressa a ideia central que foi planejada. Adequando narrativas e imagens que deixam o vídeo o mais fiel possível.

Fomentar a formação para a produção audiovisual dos estudantes é capacitá-los para além da mediação de conteúdos curriculares, mas também mediar com criticidade os processos de recepção dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação e as novas tecnologias de informação. Explorar a mídia no contexto educacional não somente amplia as possibilidades e recursos didático-metodológicos, mas permite proporcionar aos alunos a oportunidade de se tornarem sujeitos mais preparados para a posição de consumidores e espectadores, e também, os capacita para produzirem cultura com ética e novos conhecimentos.

Imagem 6 - Estudo do processo de criação de vídeo



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada VIII - Foco na Fake News

Duração: 50 min.

*“Aprender implica ser capaz de dar significado a objetos, fatos, fenômenos, à vida.”
(MANTOAN, 2015, p.22).*

Estudamos o que é *Fake News*? A quem interessa? E como identificá-las? Neste encontro, trouxemos uma citação da autora Mantoan. Apresentamos, assim como um livro físico dela e sua bandeira de luta em favor das PCDs. Lemos e refletimos sobre a citação a seguir: “Aprender implica ser capaz de dar significado a objetos, fatos, fenômenos, à vida”. (MANTOAN, 2015, p. 22). Levantamos o seguinte questionamento, se na opinião deles, eles estão aprendendo conteúdos escolares e sociais que os auxiliam a dar significados à vida?

Este encontro teve o objetivo de informá-los sobre notícia intencionalmente falsa, mentirosa, que tem o poder de destruição. Ela cria grupos de ódio, alimenta preconceitos, interfere em processos eleitorais, prejudica personalidades, moldam pensamentos e comportamentos. Criam a sensação no indivíduo de que ele faz parte de comunidades que comungam dos mesmos valores. Causando impactos sociais muitas vezes nefastos. Orientamos sobre o fato de que antes havia uma dificuldade em relação à falta de informações, o grande problema atual é o excesso de informações.

Produtores e receptores de notícias têm grande responsabilidade com o conteúdo das mensagens.

É relevante discutir com as crianças/jovens participantes da pesquisa sobre a importância de trabalhar a educação midiática no interior das escolas. Ainda que os estudantes produzam mídias estudantis experimentais, elas devem obedecer ao respeito às diferenças de toda ordem, à ética e ao bem comum em suas produções. A intenção aqui, enquanto professora pesquisadora era a de deixarmos claro aos estudantes que a educação midiática e informacional auxilia no combate a desinformação e às *Fake News*, assim como ajuda a construir interações sociais respeitadas e saudáveis entre indivíduos. O que está intimamente relacionado ao tema da presente pesquisa.

Escrevemos no quadro branco da sala, palavras que iriam nortear nosso diálogo. A primeira delas foi “Fake News”. Perguntamos o que eles sabiam a esse respeito e também demos nossa contribuição, dizendo que são publicações com informações comprovadamente falsas, que viralizam nas redes sociais e muitas vezes imitam o estilo jornalístico para enganar pessoas e não têm autoria clara. A próxima palavra foi “Cyberbullying”. Esta palavra causou suspense, disseram já ter ouvido falar, porém não sabiam o significado. Contribuímos dizendo que corresponde às práticas de agressão moral, organizadas por grupos, contra uma determinada pessoa e alimentadas via internet. Enquanto o bullying é uma violência que acontece de forma presencial, o cyberbullying é uma violência praticada de forma virtual.

As duas publicações, “Fake News” e “cyberbullying” podem ser apresentadas através de imagens, fatos, fotos, títulos que abordam opiniões divergentes ao texto, ou podem ser uma brincadeira.

Também conversamos sobre as consequências dessas notícias falsas, concluindo que podem causar prejuízos de diversas ordens a pessoas e/ou instituições.

Alguns alunos deram exemplos de Fakes News que foram responsáveis por incitar atitudes de violência e preconceito. Acrescentamos que as Fake News direcionam o comportamento de grupos de pessoas que partilham de valores semelhantes.

Orientamos sobre nossa responsabilidade em checar as informações antes de compartilhar sua veracidade.

Uma das principais motivações para a disseminação de notícias falsas é o resultado obtido com sua disseminação, que pode reverter em lucro financeiro ou favorecimento de interesses escusos. Empresas como Twitter, Facebook e WhatsApp estão sendo chamadas a se posicionarem diante desses fatos.

A partir dessas discussões, foi evidenciado nossa responsabilidade enquanto produtores e consumidores de mídias. Neste momento, enfatizamos a ideia de que nossas produções estudantis devem ser respeitadas, atender a princípios éticos e ao bem comum.

Imagem 7 - Estudo sobre Fake News



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada IX - Apresentação da escola de ensino especializado

Duração: 50 min.

“A educação é capacitante, ela aumenta nossa capacidade de ser livre.” (bell hooks, 2013, p. 9)

Exibir o vídeo de apresentação da escola de E.E. aos estudantes da escola regular teve como objetivo familiarizar os estudantes da escola regular com a realidade da escola de E.E., criando um espaço para questionamentos e esclarecimentos e assim, minimizar algum estranhamento por parte dos alunos da escola regular participantes na pesquisa ao visitarem a escola de E.E.

Apreciamos o vídeo de apresentação da escola de E.E. elaborado pela professora pesquisadora. A edição do vídeo se ateu a um breve histórico da instituição e apresentação do espaço físico. Neste encontro escrevemos no quadro uma citação de hooks (2013). Os alunos perceberam que o nome da autora havia sido escrito com inicial minúscula, julgaram ser um equívoco na escrita da professora pesquisadora. Fizemos um breve relato sobre a autora e seus pensamentos, bem como a justificativa da letra inicial minúscula na grafia de seu nome. Comentamos que a autora Glória Jean Watkins, usava o pseudônimo “bell hoolks” grafado com iniciais minúsculas, que essa decisão foi um posicionamento político de recusa à eloquência

intelectual centrada no autor. Acrescentamos que bell hooks queria que dessem importância ao que ela falava em suas obras e não à sua pessoa. Ela enfatizava em seus livros a supremacia branca atrelada a dinâmica entre as raças, as classes sociais, questões de gênero e subjetividade nas relações acadêmicas e/ou culturais. A escolha do pseudônimo foi uma homenagem feita à sua avó. Essas citações provocaram calorosas discussões a respeito das mensagens dos autores e da importância do ato de ler com todas suas implicações. Escrevemos no quadro. Assim diz hooks: “A educação é capacitante, ela aumenta nossa capacidade de ser livre.” (bell hooks, 2013, p. 9). Houve um caloroso debate acerca do que é ser livre e de como a educação pode contribuir para essa liberdade. Os estudantes chegaram à conclusão de que ser livre está relacionado a apropriação do direito de ser diferente. E que a escola possibilita rodas de conversas que capacita os estudantes a ouvir, se expressarem e (re)formular suas opiniões acerca dos assuntos que permeiam nossa realidade.

Na sequência, foi a hora de conhecer ainda que por vídeo, um pouco da escola de ensino especializado onde iríamos desenvolver as atividades planejadas em conjunto pelos alunos(as) participantes da pesquisa, professores(as) de área da turma e a professora pesquisadora. As propostas de atividades interativas e colaborativas entre os dois grupos de alunos contaram com metodologias atrativas e diversificadas.

Assistimos ao vídeo de apresentação da escola de E.E., que foi construído pela professora pesquisadora. Roteiro, imagens, narração e edição. tudo preparado especialmente para apresentar a escola de ensino especializado aos alunos(as) da escola regular participantes da pesquisa. Apresentamos a parte externa da escola de E.E. e o pátio interno que fica logo na entrada. Uma das imagens mais marcantes e que fizemos questão de incluir no vídeo é o estacionamento das cadeiras de rodas, este espaço é impactante por mostrar já na entrada uma das especificidades do ambiente escolar. Apresentamos as salas de aula, com suas mesas amplas e únicas, com as cadeiras em volta, alguns espaços em volta das mesas não têm cadeiras dispostas, pois esses espaços são ocupados por alunos cadeirantes. As salas de aula da escola de E.E. possuem organização bem diferente das salas de aula da escola regular. Também apresentamos a sala de dança, arte, sala de Atividade de Vida Autônoma (AVA), refeitório, piscina, horta e espaço de convivência. Na sala AVA, os alunos têm a oportunidade de participar de preparos de lanches, que muitas vezes são feitos a partir de ingredientes colhidos na horta da escola. Lavam e guardam os utensílios. O objetivo desta sala é desenvolver a autonomia dos alunos em atividades cotidianas. A curiosidade dos(as) alunos(as) era de encher o coração de alegria e esperança. Esperança de que a ação educativa se encontre com educandos(as) abertos(as) a aceitar o outro em suas infinitas particularidades. Freire, por vezes, nos falou sobre a esperança,

não como espera, mas como ação movida pela busca esperançosa. “Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o em até a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. (FREIRE, 1997, p. 6).

Após a apreciação do vídeo e esclarecimento de dúvidas, fizemos a divisão dos trinta e dois estudantes em quatro grupos, três grupos com oito participantes e um grupo com sete estudantes. Cada grupo iria à escola de E.E. duas vezes revezando com os demais grupos. As atividades a serem desenvolvidas durante esses encontros, são as que já foram mencionadas em nosso primeiro encontro. Porém, acrescentamos que eles iriam receber por escrito o quê cada grupo iria fazer, qual o dia que nos encontraríamos na escola regular e qual dia eles iriam visitar a escola de E.E.

Como eles conheceram um pouco da escola de ensino especializado através de um vídeo, agora seria a vez de eles mostrarem seu colégio para os estudantes da escola de ensino especializado. Eles foram orientados, que após este encontro, eles deveriam produzir um vídeo do seu rosto, falando seu nome e se preferissem, também poderiam falar sua idade. Também deveriam produzir imagens móveis e estáticas do colégio para construção de vídeo de apresentação deles e do colégio para os alunos da escola de E.E. Este material deveria ser encaminhado para a professora pesquisadora via WhatsApp, a fim de compor o vídeo que iríamos construir em conjunto. Organizamos subgrupos responsáveis pela construção do roteiro, narração, seleção de imagens e edição. Inicialmente, orientamos o grupo de alunos(as) voluntários(as) a construírem o roteiro e encaminhar para a professora pesquisadora via WhatsApp. Porém, sentimos a necessidade de criarmos um grupo para esta tarefa. Para construção do roteiro, contamos com o suporte da professora de Língua Portuguesa e também da professora pesquisadora.

O roteiro foi dividido em três partes para oportunizar a participação de mais estudantes. A gravação foi feita no colégio com o apoio da professora pesquisadora. De posse das narrações e imagens contamos com a participação de duas alunas para a realização da edição.

O Vídeo foi apresentado aos alunos do sexto ano participantes da pesquisa antes mesmo de ser apresentado aos alunos da escola de ensino especializado pela professora pesquisadora como pré-apresentação dos(as) alunos(as) que eles iriam receber em sua escola.

Imagem 8 - Escola de Ensino Especializado



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada X - Apreciação do vídeo de apresentação da escola regular **Duração: 50 min.**

“Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica.” (FREIRE, 1997, p. 6).

Antes de exibirmos o vídeo de apresentação da escola regular aos alunos da escola de ensino especializado, apresentamos este vídeo aos alunos do sexto ano envolvidos com a pesquisa. Essa ação teve o objetivo de despertar neste grupo de estudantes participantes da pesquisa o sentimento de pertença e autoria na produção do vídeo, o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em uma produção significativa. Foi necessário exibir o vídeo duas vezes aos alunos da escola regular. A empolgação da turma foi contagiante. Risos, gritos e muitos comentários sobre as imagens deles próprios e de outros colegas. A empolgação foi tamanha que nesta primeira exibição, só se atentaram às imagens, principalmente dos alunos. A alegria tomou conta deles. Um misto de vergonha ao expor sua própria imagem e satisfação em participar do vídeo.

Na segunda exibição, orientamos para que se atentassem ao texto que foi escrito por um grupo de colegas com apoio das professoras de Língua Portuguesa e professora pesquisadora, observassem que o texto foi narrado por colegas de turma, assim como a apresentação inicial do vídeo. Disseram já ter reconhecido a voz das colegas e elogiaram a participação delas. Houve um debate interessante sobre a edição para a realização de cortes no vídeo devido a exposição da imagem dos estudantes, no entanto, o diálogo realizado entre os alunos resultou na opção de manter as imagens devido o reconhecimento da importância das imagens presentes no vídeo.

Era nítida a satisfação em participar da pesquisa, dos encontros e da produção desse vídeo, ainda que bem simples. Sem arranjos elaborados. Apenas a narrativa e imagens. Mas construído coletivamente. Com ética, respeito, criatividade e criticidade. Freire (1997), nos esclarece a respeito da necessidade de ações efetivas, de práticas que movem a investigação das questões relacionadas ao ser a partir da estreita relação entre esperança e práticas que alimentam essa esperança. Compreendemos que com a criação deste simples vídeo, os alunos participantes da pesquisa já começaram a experienciar a criação e apreciação de uma mídia com todas as exigências já mencionadas, esta prática alimenta nossa esperança na formação de sujeitos mais humanizados. “Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica.” (FREIRE, 1997, p. 6).

Em reunião prévia entre professora pesquisadora e professores das áreas de Geografia, História, Ciências, Arte e Língua Portuguesa participantes da pesquisa, foi acordado que iriam conversar com os alunos do 6º ano durante o horário das aulas de cada disciplina para elencar temas relativos à suas aulas, algumas sugestões de conteúdos a serem oferecidos aos alunos da E.E. para que eles escolhessem o que gostariam de estudar junto com os alunos da escola regular.

Imagem 9 - Escola regular



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XI - Planejamento de práticas interativas e colaborativas Duração: 50 min.

“Aprendemos quando resolvemos nossas dúvidas, superamos nossas incertezas e satisfazemos nossa curiosidade.” (MANTOAN, 2015, p. 7).

Com a relação de sugestões de conteúdos já elaborada durante as aulas dos alunos do 6º ano e professores das disciplinas de História, Geografia, Ciências e Matemática, fizemos o planejamento das práticas interativas e colaborativas. Esta ação foi tida pelos estudantes do 6º ano como desafiadora. Ela contou com o objetivo de despertar nos estudantes da escola regular a capacidade que cada um tem de ensinar/aprender, também estimular a confiança em si, no outro e que se algo sair diferente do planejado, podemos repensar e refazer. Levá-los a compreender que o erro faz parte do processo de aprendizagem.

A proposta de responsabilizar os alunos do 6º ano a desenvolver os conteúdos junto aos alunos da escola de E.E. deixou a maioria deles bastante empolgados, alguns relataram que iriam se sentir envergonhados, mas aceitaram o desafio na certeza de que teriam a oportunidade de aprender e ensinar simultaneamente. Neste encontro, compartilhamos com os alunos do 6º ano participantes da pesquisa um trecho do pensamento de Mantoan sobre o efeito que o ato de aprender provoca em nós. Ele diz que: “Aprendemos quando resolvemos nossas dúvidas, superamos nossas incertezas e satisfazemos nossa curiosidade.” (MANTOAN, 2015, p. 7). Com o planejamento das práticas interativas e colaborativas, guardamos grandes expectativas em encontrar algumas respostas para nossas dúvidas, superar algumas incertezas e saciar nossa curiosidade.

Durante as aulas dos alunos do sexto ano com os professores de Geografia, História, Ciências e Língua Portuguesa, eles elencaram possibilidades de conteúdos já estudados por eles, que poderiam ser oferecidos aos alunos da escola de ensino especializado para que estudassem juntos. A proposta era para que os alunos da escola regular fossem responsáveis pela apresentação dos conteúdos aos alunos da escola de ensino especializado, valendo-se de metodologias diversificadas e atrativas. Durante as aulas, com cada um dos professores mencionados acima e sem a presença da professora pesquisadora, elencaram as sugestões de conteúdos a serem oferecidos por eles.

Após esta organização, neste encontro, planejamos quais metodologias seriam utilizadas para desenvolver as aulas conjuntas. Também combinamos que em reuniões com os grupos de oito ou sete alunos(as) iríamos planejar de forma mais detalhada o encontro de cada grupo com os educandos da escola de E.E.

De comum acordo entre todos os participantes, foram definidos os conteúdos e metodologias. Como professora pesquisadora, nos disponibilizamos a preparar os slides com a organização das opções de conteúdos a serem sugeridos aos educandos da escola de ensino especializado, com abertura para outros possíveis conteúdos.

Os alunos receberam um cronograma de seu grupo, contendo os nomes dos alunos de cada grupo, datas dos encontros na escola regular, das idas na escola de E.E. e atividade prevista para cada encontro.

Em reuniões com grupos menores, estruturamos detalhadamente todo trabalho a ser realizado por cada grupo. Com esta organização, eles certamente iriam se sentir mais tranquilos e seguros. A próxima ação prevista era fazer o desenho ampliado da foto produzida em frente ao plantio das mudas de flores.

Imagem 10 -Planejamento de práticas interativas e colaborativas



Fonte: arquivo da pesquisadora

Os encontros entre os alunos das duas escolas foram previstos para acontecer duas vezes por semana durante oito semanas. Cada encontro com um grupo diferente.

Para as saídas do colégio, os pais/responsáveis externaram seu consentimento assinando um pedido de autorização (Apêndice 9), contendo todas as informações necessárias, inclusive o endereço do local onde seriam desenvolvidas as atividades. Antes mesmo desta autorização, os pais/responsáveis já haviam sido informados das saídas dos alunos do colégio para o desenvolvimento das atividades de pesquisa através do texto detalhado do TCLE e também por reunião virtual ou ligação telefônica individual para os que não puderam participar da reunião virtual. Os alunos receberam transporte de ida e volta para a escola de E.E. As despesas foram custeadas pela professora pesquisadora.

A coordenação pedagógica e os(as) professores(as) das duas escolas receberam um cronograma informando o número de alunos por dia, as datas e respectivas atividades que seriam desenvolvidas (Apêndice 10).

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO REALIZADA NA ESCOLA DE E.E.

CLAQUET - Desenvolvimento de atividades interativas e colaborativas

Passarinho de toda cor
Gente de toda cor
Amarelo, rosa e azul
Me aceita como eu sou

Eu sou amarelo claro
Sou meio errado pra lidar com amor
No mundo tem tantas cores
São tantos sabores
Me aceita como eu sou

(Renato Luciano, 2017)

Tomada XII - Primeira visita à escola de ensino especializado

Duração: 2h30min.

Quanta expectativa, primeira visita à escola de E.E. (grupo 1). A professora pesquisadora estava tensa, embora todos os cuidados necessários para a saída dos estudantes do ambiente escolar em segurança estivessem sido tomados, havia a preocupação com o inesperado. Esta é uma atitude que requer grande atenção durante todo processo, até a volta dos estudantes para suas respectivas salas de aula.

Este encontro contou com o objetivo de promover a apresentação e interação entre os estudantes do grupo 1 da escola regular e os alunos da escola de E.E. Também contou com o objetivo de apresentar e selecionar as sugestões de conteúdos a serem estudados em conjunto pelos dois grupos de estudantes.

Explicamos para os alunos da escola de ensino especializado de forma simples e objetiva o motivo de nossa visita e informamos que outros grupos de alunos da mesma escola também viriam visitá-lo duas vezes por semana em grupos alternados. Orientamos que iríamos estudar juntos com esses grupos de alunos visitantes e que eles iriam oferecer alguns conteúdos para que tivessem a oportunidade de escolher o que gostariam de estudar em conjunto, porém, também eram livres para não aceitar essas propostas de conteúdos e sugerirem outros conteúdos que gostariam de estudar.

Explicamos que iriam conhecer, ainda que por meio de um vídeo, a escola dos alunos que ali estavam. Antes de iniciar a exibição do vídeo, informamos que este vídeo foi o resultado de um trabalho construído coletivamente por todos os alunos que estão participando da pesquisa naquela escola. Este vídeo apresenta a escola regular e os alunos participantes da pesquisa. Que teriam a oportunidade de conhecer todos eles pessoalmente.

Após a apreciação do vídeo, ainda no mesmo espaço, com a presença dos discentes das

duas escolas e docente da escola de ensino especializado, iniciamos a exibição dos slides contendo as propostas de atividades interativas e colaborativas que contemplavam conteúdos curriculares estudados pelos alunos do 6º ano, para que os alunos da escola de E.E. escolhessem o que gostariam de estudar em conjunto aos demais alunos.

As propostas de eixos temáticos e seus desdobramentos foram exibidos e explicados de forma simples e objetiva, para que os alunos da escola de E.E. pudessem compreender a proposta de trabalho e democraticamente fizessem suas escolhas de forma consciente.

O eixo “DESCARTE DE RESÍDUOS”, foi subdividido em três conteúdos para que escolhesse uma opção. Coleta seletiva, compostagem ou reciclagem. Eles escolheram saber um pouco mais sobre compostagem.

Sobre “A NATUREZA E O HOMEM”, foi oferecido: plantar cores da vida e recorte e colagem de cores da natureza. Eles escolheram plantar cores da vida e sugeriram tirar uma foto do cenário. Os alunos da escola regular acrescentaram dizendo que essa foto poderia ser transformada em desenho e pintada por todos alunos que viriam no próximo grupo. As sugestões foram bem aceitas e assim ficou decidido por todos.

Em “DIVERSIDADE CULTURAL” foram oferecidas as opções de ritmos musicais, representar diferentes etnias e representar diferentes trajes. Eles decidiram saber um pouco mais sobre todas as propostas. Para tanto, foi necessário dividir esses conteúdos em duas visitas com grupos diferentes de alunos do C.E.P.P.G.P. Ritmos musicais/trajes e representar diferentes etnias.

O último eixo proposto foi a “ESCOLA DE VALORES”. Nesta oportunidade, os alunos da escola regular deixaram em aberto para que pudessem construir juntos as possibilidades de estudos. Depois de muito burburinho e empolgação, elencaram valores humanos para que fossem discutidos entre eles. Honestidade, respeito, solidariedade, justiça, amizade, liberdade, igualdade, amor e responsabilidade.

Ao final da apresentação dos slides, perguntamos aos alunos da escola de ensino especializado se gostariam de sugerir outros conteúdos para serem estudados junto aos alunos da escola regular responderam que não, que já tinham muita coisa para estudar. Que gostariam de visitar a escola regular, igual eles estavam fazendo na deles.

Em cada encontro, após finalizarem a proposição feita para o dia, houve um segundo momento de interação e descontração com brincadeiras livres e espontâneas no espaço da horta.

Após as atividades propostas para o dia e os momentos de descontração e lazer, os alunos da escola regular participavam do horário do lanche para só então voltarem para a escola regular.

Ao retornarem para o colégio e todos devidamente em sala de aula, era a vez do próximo grupo que iria à escola de E.E. se reunir com a professora pesquisadora para preparar

detalhadamente o que iriam fazer durante a visita proposta. Desta forma, no mesmo dia, a professora pesquisadora encontrava-se com o grupo que iria desenvolver as práticas interativas e colaborativas e o grupo que iria finalizar a estruturação do próximo encontro. Cada grupo se encontrava duas vezes com a professora pesquisadora antes de ir à escola de ensino especializado para organizar as atividades a serem desenvolvidas.

Imagem 12 - Primeira visita à escola de ensino especializado



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XIII - Compostagem

Duração: 2h30min.

Tão legal, oh minha gente
Perceber que é mais feliz quem compreende
Que amizade não vê cor
Nem continente
E o normal está nas coisas diferentes

Amigo tem de toda cor, de toda raça
Toda crença, toda graça

Amigo é de qualquer lugar
Tem gente alta, baixa, gorda, magra

(Jair Oliveira, 2015)

Neste dia, dois alunos que usavam transporte escolar se atrasaram, a professora pesquisadora falou com eles por ligação telefônica e os informou que iríamos aguardar a chegada deles na escola regular, conseqüentemente chegamos atrasados na escola de E.E. e perdemos o momento coletivo de oração que acontece diariamente no início de cada turno na escola de E.E.

Seguindo o planejamento de atividades definidas entre os dois grupos de estudantes no encontro anterior, os estudantes das duas escolas estudaram sobre compostagem. Os alunos da escola regular (grupo 2), apresentaram o conteúdo em uma roda de conversa, explicaram de forma simples e prática o que é compostagem, como fazer e porquê fazer. Este bate-papo se deu em um local coberto em frente à horta. Alguns alunos relataram já ter visto seus avós

fazendo “isso”, mas não sabiam muito bem o motivo daquele trabalho. Perguntaram se poderiam colocar resto de comida e os alunos do sexto ano ficaram em dúvida sobre a resposta. Foi quando uma professora da turma os orientou que não poderia ser feito. O resto de alimentos contém sal, açúcar, óleo e condimentos que podem atrair insetos para a compostagem.

De posse dos materiais necessários, preparados anteriormente, todos juntos fizeram uma compostagem no espaço da horta da escola de E.E. A preparação deste material contou com a participação dos alunos do sexto ano participantes da pesquisa, com a equipe da cozinha da escola de ensino especializado, com a professora da horta e com a pesquisadora. Preparamos resíduos de alimentos, folhas e galhos secos de árvores, serragem de madeira e terra. Um grupo de alunos peneirou a terra a ser utilizada, enquanto outro recolhia mais terra para peneirar e outros alunos foram levando os materiais para o local onde seria realizada a compostagem.

Este conteúdo foi uma das sugestões do professor de ciências, por se tratar de informações relevantes e que podem ser agregadas ao cotidiano familiar de todos os alunos. Conhecer um pouco mais sobre a decomposição de matérias orgânicas, seu aproveitamento, transformação em adubo e processo de construção com os devidos cuidados. Esses conteúdos estudados pelos alunos do 6º ano foram desenvolvidos por eles na escola de E.E. sem mencionar as nomenclaturas acima citadas, mas contextualizando-as ao cotidiano dos alunos de forma significativa.

Assim como o primeiro grupo, eles tiveram um momento de lazer em conjunto e lanche coletivo. A alegria foi facilmente percebida no semblante de muitos alunos. Outros pareciam ensimesmados, reflexivos.

Imagem 13 - Compostagem



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XIV- Plantio das cores da vida

Duração: 2h30min.

Mas o que me agrada é
Que um amigo a gente acolhe sem pensar
Pode ser igualzinho a gente
Ou muito diferente

(Jair Oliveira, 2015)

Seguindo as escolhas feitas pelos alunos da escola de E.E., os alunos do 6º ano participantes da pesquisa, levaram mudas de flores coloridas e juntos fizeram o plantio. Alguns alunos do 6º ano participantes da pesquisa, seguindo sugestão do professor de Ciências, se encarregaram de pesquisar quais flores são mais resistentes, possuem várias cores da mesma espécie, baixo custo e fáceis de encontrar no mercado local. Após essa pesquisa, o grupo responsável pela atividade do dia do plantio, definiu qual flor iríamos adquirir, a professora pesquisadora se responsabilizou por comprar as mudas e arcar com os custos. A decisão de qual planta a ser utilizada foi uma decisão apenas dos alunos da escola regular, pois já deveriam levar as mudas para a visita na qual fariam o plantio.

Não foi possível fazer o plantio no local da compostagem feita pelo grupo anterior, pois ela precisa de tempo hábil para decomposição dos materiais ali depositados. Foram disponibilizados alguns vasos para o plantio. A professora da horta se comprometeu a transplantar as mudas para o local da compostagem em parceria com alguns alunos tão logo o local estivesse apto para o plantio das mudas.

Para este encontro, o professor de matemática sugeriu aos alunos da escola regular participantes da pesquisa que conversassem com os alunos da escola de E.E. sobre o tamanho do espaço disponível para o plantio, aproximadamente quantas mudas de flores iriam precisar, a distância necessária entre as mudas e a quantidade de terra e de adubo que deveria ser usado. Esses diálogos foram promovidos em espaço semiaberto em frente à horta. Os alunos da escola regular convidaram os alunos da escola de E.E. a decidirem em conjunto as ações a serem tomadas, analisando com simplicidade e clareza o porquê de cada decisão. Seguindo a sugestão do professor de matemática, conversaram sobre o tamanho da área a ser utilizada, a quantidade de mudas e quantos baldes de terra e adubo eles iriam precisar. Os alunos da escola regular fizeram perguntas aos alunos da escola de E.E. com o objetivo de que eles chegassem à conclusão de que deveriam plantar as mudas em pequenos vasos para serem transplantados no espaço da compostagem após três meses de seu preparo. Caso contrário as mudas poderiam morrer pelos gases provocados durante o processo de compostagem. O professor de ciências conversou com os alunos da escola de E.E. sobre essa possibilidade, eles demonstraram

segurança ao conversar com os alunos da escola de E.E. sobre esses conteúdos que foram desenvolvidos pelo professor de ciências.

Ao final, tiraram uma foto com a presença dos participantes em frente ao plantio. A foto foi revelada em tamanho ofício para ser levada aos alunos da escola de E.E. para produzirem um desenho ampliado.

Imagem 14 - Plantio das cores da vida



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XV - Desenho ampliado da foto - Cores da Vida **Duração: 50 min.**

“Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros.” (bell hooks, 2013, p. 17).

Uma linda produção coletiva. Alunos participantes da pesquisa se juntaram para produzir um desenho ampliado da foto feita em frente ao plantio de mudas de flores coloridas plantadas em uma compostagem, “Plantio das cores da vida”. O plantio foi realizado por um grupo de alunos da escola regular e alunos da escola de ensino especializado, como resultado da ação planejada em conjunto pelos alunos da primeira escola acima mencionada, participantes da pesquisa, professores da turma e pesquisadora.

Esta ação contou com o objetivo de valorizar a participação de todos os interessados, respeitando o jeito próprio de cada estudante produzir seu desenho e juntos apreciarmos o resultado do trabalho desenvolvido de forma interativa e colaborativa.

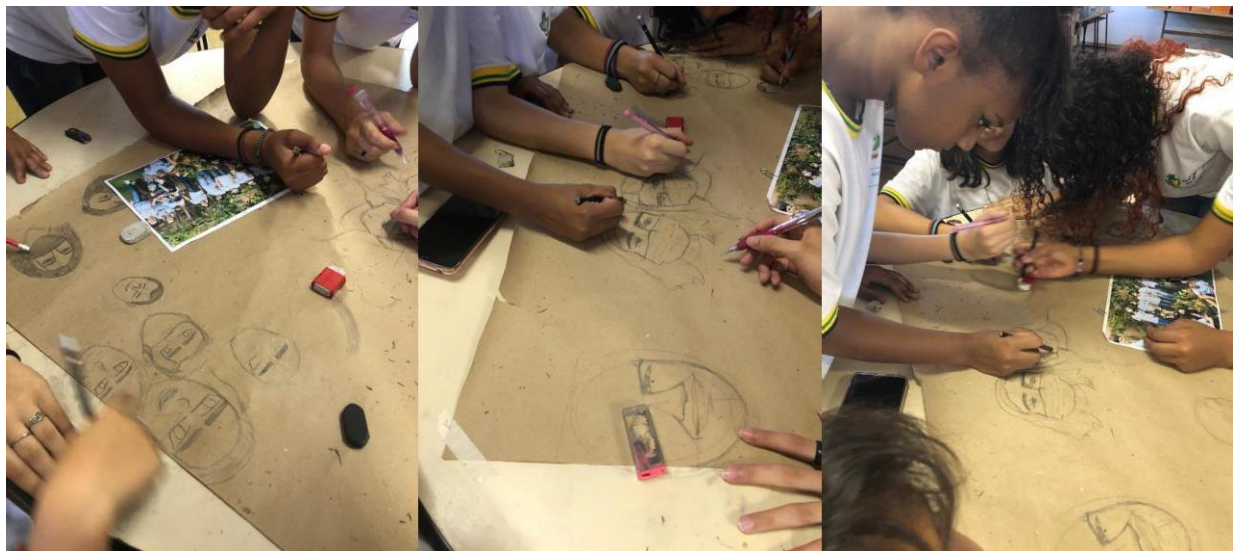
Esta rica produção foi coordenada pela professora de Artes da escola regular. A produção foi realizada na biblioteca da escola regular por disponibilizar de espaço e mesas amplas, o que facilitou a produção e participação coletiva. Partilhei com o grupo uma citação

de hooks que ilustrava a beleza daquele encontro. Assim diz bell hooks (2013): “Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros.” (bell hooks, 2013, p. 17).

Como houve a participação de muitos artistas, foi natural o contraste de estilos diferentes de produzir a arte de desenhar. Característica que também vinha de encontro aos nossos estudos e “esperança, não do verbo esperar”. Mas promovendo e valorizando a participação de todos, respeitando as diferenças de cada sujeito, assim como a capacidade de ensinar e aprender coletivamente em uma escola para todos. Para reafirmar esse pensamento, nos valem de sábias e amorosas palavras de hooks. “Qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas.” (bell hooks, 2013, p. 18).

A produção coletiva do desenho ilustra a valorização e reconhecimento da importância da participação de cada um para a produção do todo. Esta produção coletiva foi levada para a escola de E.E. pelo próximo grupo de estudantes para ser pintada, também de forma coletiva. As imagens representativas de cada encontro com os alunos da escola regular e dos encontros entre os dois grupos de alunos compõem o Produto Educacional, que é parte integrante deste estudo, com links disponibilizados no apêndice desta pesquisa.

Imagem 11 - Desenho ampliado da foto



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XVI - Pintura do desenho ampliado Duração: 2h30min.

“Expressar, dos mais modos, o que sabemos implica representar o mundo com base em nossas origens, em nossos valores e sentimentos.” (MANTOAN, 2015, p. 22)

Quarto encontro (grupo 4) – Este encontro teve o objetivo de despertar nos estudantes das duas escolas participantes da pesquisa a compreensão, importância e valorização da participação de cada estudante em uma produção coletiva. Com respeito a diferentes manifestações de expressão artística, que nesse caso foi a arte de desenhar e pintar.

Com o desenho pronto e o desejo de que todos participassem de uma ação interativa e colaborativa, decidimos dividir o desenho da foto impressa que foi produzida durante o plantio das mudas de flores e a própria foto impressa em quatro partes iguais, para que pequenos grupos pudessem pintar o desenho com base na foto. Cada pequeno grupo recebeu um quarto da foto impressa e do desenho correspondente à parte da foto para ser pintada coletivamente com giz de cera. Os grupos foram compostos por alunos das duas escolas. Ao final, uniram-se as partes, montando a imagem completa novamente. Da foto e do desenho.

A professora de Arte sugeriu que fosse utilizado giz de cera para a pintura do desenho em função do tempo disponível para a conclusão da atividade. Ela também sugeriu que fosse utilizada na pintura, cores que mais se aproximavam das representadas na foto, pelo fato de estarmos reproduzindo uma imagem da foto com a intenção de transformá-la em desenho fiel ao real.

O resultado final foi apreciado com satisfação pelos estudantes das duas escolas participantes na pesquisa. Este sentimento foi discutido e compartilhado pelo grupo de estudantes em roda de conversa sobre as possibilidades e dificuldades de se trabalhar em equipe e a ideia da força de ações coletivas. Esta força reside na percepção de unir habilidades individuais na produção de uma ação coletiva.

Imagem 15 - Pintura do desenho ampliado



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XVII - Diversidade cultural

Duração: 2h30min.

“Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças.” (MANTOAN, 2015, p. 24)

Quinto encontro (grupo 1 – retorno). Esta atividade coletiva contou com o objetivo de promover estudos acerca da diversidade cultural em aula proferida pelos estudantes da escola regular aos estudantes da escola de E.E.

Seguimos o planejamento de conteúdos escolhidos a serem estudados. Os alunos das duas escolas em conjunto a professora pesquisadora e as professoras da E.E. já haviam definido no primeiro encontro quais ritmos musicais seriam contemplados nos estudos, assim, os alunos da escola regular puderam pesquisar sobre os ritmos escolhidos e conversarem com o professor de História sobre o tema em estudo. O professor os orientou que se organizassem em duplas, cada dupla falasse de forma simples e objetiva de um ritmo musical para que os alunos da escola de E.E. compreendessem quais são as principais características, trajes, lugares que mais ouvem e tocam os ritmos musicais escolhidos, que esta composição de ritmos, trajes e estilos de danças são expressões culturais de um dado povo. Também lembrou que estas manifestações

artísticas e culturais comumente são usadas como manifestações políticas. Os alunos da escola de E.E. promoveram uma roda de conversa informal e significativa para os alunos da escola de E.E. respondendo perguntas, oportunizando a fala espontânea, estimulando a escuta atenta por parte de todos e contextualizando os conteúdos trazidos para a roda de conversa. Quando necessário, os professores da escola de E.E. presentes no momento e a professora pesquisadora davam contribuições para melhor compreensão de todos.

Após a roda de conversa sobre diversidade cultural sob o prisma de diferentes ritmos musicais e seus trajes característicos, dois alunos de cada escola vestiram figurinos representativos dos ritmos musicais: Samba, Valsa, *Rock* e Sertanejo, desfilaram ao som das músicas correspondentes e ao final do desfile, todos participaram de um animado clube de dança. A escola de E.E. dispunha de um vasto guarda-roupa de fantasias que foi gentilmente disponibilizado pela professora de Expressão Corporal.

Algumas alunas optaram por tirar inúmeras “selfies” apenas com colegas da escola regular, foi necessária a intervenção da professora pesquisadora para lembrar que um dos objetivos de nossas idas àquela instituição é a interação entre os estudantes das duas escolas. Neste momento foi sugerido que fizessem as “selfies” também com a participação dos estudantes da escola de E.E.

Esta atividade foi importante para despertar nos estudantes das duas escolas participantes da pesquisa, conhecimentos relativos às diferentes culturas, respeito a cada uma delas e compreender que uma dada cultura não se sobrepõe a outra. Todas têm igual valor e merecem respeito e admiração.

Imagem 16 - Diversidade cultural



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XVIII - Diferentes etnias

Duração: 2h30min.

A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais. (MANTOAN, 2015, p. 16).

No sexto encontro (grupo 2 – retorno), a discussão sobre diversidade cultural continuou, e teve como objetivo conhecer um pouco mais sobre diferentes etnias: indígena, japonesa, negra e branca. Os estudantes participantes da pesquisa foram motivados a compreender que se não conhecemos, não valorizamos. Daí a necessidade desses estudos. Em amplo pátio, ambiente diferente do encontro anterior, fizeram um desfile com dois alunos de cada escola caracterizados com vestimentas que remetem às etnias estudadas ao som de músicas representativas. Novamente usaram os figurinos gentilmente disponibilizados pela escola de E.E. O professor de História sugeriu que dessa vez fizessem primeiro o desfile e depois a roda de conversa. Segundo ele, esta sequência de ações poderia auxiliar os alunos da escola de E.E. a se apropriarem com mais facilidade das informações sobre cada etnia. Que esta vivência poderia despertar conhecimentos prévios e relacioná-los à novas informações produzidas na roda de conversa. Após o desfile, em roda de conversa, falaram sobre alguns costumes, alimentos, trajes e idioma falado por cada grupo étnico apresentado, alguns alunos relataram conhecer pessoas das etnias apresentadas, inclusive alunos das duas escolas.

Conhecer, valorizar e respeitar diferentes etnias está intimamente relacionado ao tema da presente pesquisa, promover estudos sobre possibilidades/dificuldades das PCDs, possivelmente irá despertar nos estudantes da escola regular participantes da pesquisa o respeito às singularidades de cada sujeito.

Imagem 17 - Diferentes etnias



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XIX - Escola de valores
Duração: 2h30min.

*“Justo é o que não falta Justo
é o que não sobra Justo é o
que não folga
Justo é o que não aperta.”
(Silenciar – CEUMAR)*

Este encontro aconteceu em ambiente arejado, amplo, com vista para piscina em um dos lados e o outro com vista para uma reserva ambiental. Um espaço bastante agradável, porém, exigiu que a professora pesquisadora e os alunos participantes daquele momento, ao falar em público, falassem em alto tom de voz para que todos os presentes pudessem ouvir. Em alguns momentos foi necessário repetir a fala.

No sétimo encontro (grupo 3 – retorno), foi estruturado a partir do objetivo de promover debates que envolveram a construção de valores humanistas. Elencar alguns deles e como poderíamos desenvolvê-los em nosso cotidiano. As ações estruturadas para este encontro foram planejadas pelos alunos do grupo 3 em conjunto com a professora pesquisadora durante encontros na escola regular. Foi acordado que os valores a serem discutidos no próximo encontro na escola de E.E. seriam elencados a partir de sugestões de todos os alunos presentes. Os alunos da escola regular tiveram uma aula com o professor de história sobre valores humanos, discutiram o que são, elencaram alguns deles e detalharam o que os caracteriza. Após esta aula, eles relataram se sentiram mais preparados para compartilhar esses conhecimentos com os alunos da escola de E.E. durante a vivência interativa e colaborativa a professora pesquisadora perguntou a todos os alunos quais os valores humanos que julgavam ser importantes e gostariam de conversar? Os valores sugeridos foram anotados pela coordenadora da escola de E.E. digitado e recortado individualmente. Enquanto alguns alunos das duas escolas distribuía chocolates Bis para todas as pessoas que estavam na escola naquele dia. A professora pesquisadora fixou em uma parede de vidro as palavras digitadas e recortadas, escolhidas pelos alunos participantes para representar os valores humanos. Pediu que escolhessem uma palavra que na sua opinião representava um valor humano praticado na ação de distribuir igualmente os chocolates e justificasse o porquê de sua escolha. Em seguida, após a argumentação do aluno, ele pegou o papel escrito com o nome do valor humano escolhido por ele e o fixou no desenho ampliado da foto produzida em frente ao plantio das cores da vida. O desenho ampliado, pintado e a foto estavam fixados ao lado das palavras escritas em papéis recortados individualmente: (*HONESTIDADE, *RESPEITO, *SOLIDARIEDADE, *JUSTIÇA, *AMIZADE, *LIBERDADE, *IGUALDADE, *AMOR e *RESPONSABILIDADE). A promoção dessas vivências culminou com o objetivo central da pesquisa que versa sobre a formação humanista dos diversos sujeitos.

Imagem 18 - Escola de valores



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XX - Exibição de fotos e vídeos produzidos durante as vivências interativas e colaborativas

Duração: 2h30min.

“Celebro um ensino que permita as transgressões – um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação em prática da liberdade.”

(hoolks, 2013, p. 24)

No oitavo encontro (grupo 4 - retorno), em local disponibilizado para exibição de filmes, o último grupo apresentou um vídeo contendo algumas fotos e pequenos vídeos que contemplavam todas as atividades desenvolvidas ao longo dos oito encontros colaborativos e interativos entre os alunos das duas escolas. Esta ação teve o objetivo de contemplar a beleza das experiências vividas pelos dois grupos de estudantes, assim como oportunizar aos estudantes da escola regular ter o reconhecimento pela participação na produção do vídeo, através da apreciação do trabalho deles pelo grupo de colegas.

Este espaço não dispunha de cortinas nas janelas, o que deixou comprometida a visualização das imagens compartilhadas. Com auxílio da professora pesquisadora e da professora de Língua Portuguesa da escola regular, três alunos escreveram o roteiro do vídeo recapitulando todos os encontros entre os dois grupos de alunos, onze alunos participaram da narração do roteiro, duas alunas em conjunto com a professora pesquisadora editaram o vídeo

que foi apresentado aos alunos e professores da escola de E.E. durante o último encontro entre os dois grupos de alunos e para os alunos do 6º ano da escola regular participantes da pesquisa. E como de costume, após o desenvolvimento da atividade proposta para o dia, houve um momento de descontração com brincadeiras entre os estudantes das duas escolas.

Como professora pesquisadora, foi importante percebermos a motivação dos estudantes da escola regular em participar da criação deste simples vídeo de apresentação como um ensaio para a produção do documentário. Na criação deste vídeo, os estudantes não se esqueceram de contar com a ética e o respeito às diferenças.

Imagem 19 - Exibição de fotos e vídeos



Fonte: arquivo da pesquisadora

Tomada XXI - Considerações finais

O presente Produto Educacional em formato de relato de experiências, compõe a dissertação de Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE-UFG, intitulada “A invisibilidade dos sujeitos na educação básica: pressupostos para a construção de uma escola para todos”.

As ações interativas e colaborativas desenvolvidas entre os estudantes das duas escolas, uma regular e a outra uma escola de E.E. cumpriu seu propósito em proporcionar práticas pedagógicas voltadas para a formação humanista dos sujeitos inseridos na educação básica com o propósito de contribuir com o reconhecimento, aceitação e respeito às PCDs. Segundo relatos dos estudantes da escola regular, essas práticas contribuíram para mudanças de comportamentos deles ao se aproximarem de pessoas com deficiências. A maior parte deles declararam se sentir mais estimulados a conviver com PCDs na escola e na sociedade em geral com ética e respeito às diferenças.

Outro produto educacional produzido a partir da presente pesquisa é o vídeo estudantil com caráter de documentário intitulado “Escola para todos” que está disponível no Canal do You Tube em: https://youtu.be/Cb6_Px-nuzU e no portal EduCapes em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/721999> esta mídia educação originou-se a partir do planejamento, execução e avaliação das práticas pedagógicas estruturadas pela presente pesquisa. O documentário também contou com a participação dos estudantes do 6º ano participantes da pesquisa em todas as etapas de construção, avaliação e apresentação do vídeo para alunos e professores das duas escolas envolvidas na pesquisa.

